Lição 8: Distinções entre efeitos e causas; uma definição de fortuna

Bekker: 196 b 10-197 a 7

> *APÓS FAZER CERTAS DIVISÕES ENTRE EFEITOS E CAUSAS, ELE CONCLUI COM UMA DEFINIÇÃO DE FORTUNA*

207. Tendo exposto as opiniões de outros sobre fortuna e acaso, o Filósofo aqui determina a verdade.

Esta seção divide-se em três partes. Primeiro, ele mostra o que é a fortuna. Em segundo lugar, onde diz: 'Eles diferem...' (197 a 36; L10 #226), ele mostra como fortuna e acaso diferem. Em terceiro lugar, onde diz: 'Ambos pertencem a...' (198 a 2; L10 #236), ele aponta o gênero de causa ao qual acaso e fortuna se reduzem.

A primeira parte divide-se em duas partes. Primeiro, ele mostra o que é a fortuna. Em segundo lugar, onde diz: 'É necessário...' (197 a 8; L9 #217), a partir da definição de fortuna ele explica o significado [*ratio*] daquelas coisas que são ditas sobre a fortuna.

Acerca da primeira parte, ele faz três pontos. Primeiro, ele expõe certas divisões necessárias para a investigação da definição de fortuna. Em segundo lugar, onde diz: 'Para retomar então...' (196 b 29 #215), ele mostra sob quais membros dessas divisões a fortuna está contida. Em terceiro lugar, onde diz: 'É claro...' (197 a 5 #216), ele conclui a definição de fortuna.

Agora, visto que a fortuna é postulada como um tipo de causa, e visto que é necessário, para compreender uma causa, conhecer aquilo do qual ela é causa, ele expõe primeiro uma divisão por parte daquilo do qual a fortuna é causa. Em segundo lugar, onde diz: 'Coisas deste tipo...' (196 b 23 #214), ele expõe uma divisão por parte da própria causa.

208. Com referência ao primeiro ponto, ele expõe três divisões.

A primeira delas é que certas coisas sempre vêm a ser, por exemplo, o nascer do sol; e certas coisas vêm a ser frequentemente, por exemplo, o homem nasce tendo olhos. Mas nenhuma delas se diz ser por fortuna.

Mas certas outras coisas ocorrem em menor número de instâncias, como quando um homem nasce com seis dedos ou sem olhos. E todos dizem que coisas deste tipo vêm a ser por fortuna. Portanto, é claro que a fortuna é algo, visto que ser por fortuna e ser em menor número de instâncias são conversíveis. E ele traz isso em oposição à primeira opinião que negava a fortuna.

209. No entanto, parece que esta divisão do Filósofo é insuficiente, pois há alguns acontecimentos que são indeterminados. Por isso, Avicena disse que, naquelas coisas que são indeterminadas, algo acontece por fortuna, como, por exemplo, aquelas coisas que são ocasionais. E não é objeção que não se diga que é por fortuna que Sócrates está sentado, visto que isso é indeterminado. Pois, embora isso seja indeterminado com respeito à potência motora, não é indeterminado com respeito à potência apetitiva, que tende determinadamente a uma coisa. E se algo acontecesse fora disso, dir-se-ia ser fortuito.

Agora, assim como a potência motora, que é indeterminada, não move ao ato a menos que seja determinada a uma coisa pela potência apetitiva, assim também nada que é indeterminado move ao ato a menos que seja determinado a uma coisa por algo. Pois aquilo que é indeterminado é, por assim dizer, ser em potência. No entanto, a potência não é um princípio de ação, mas somente o ato o é. Portanto, daquilo que é indeterminado nada se segue a menos que seja determinado a uma coisa por algo, seja sempre ou frequentemente. E por causa disso, ele omitiu as coisas que são indeterminadas de sua discussão sobre as coisas que vêm a ser.

210. Deve-se notar também que alguns definem o necessário como aquilo que nunca é impedido e o contingente como aquilo que ocorre frequentemente, mas pode ser impedido em poucas instâncias.

Mas isso é irrazoável. Pois chama-se necessário aquilo que tem em sua natureza aquilo que não pode não ser, enquanto o contingente, como ocorrendo frequentemente, tem em sua natureza aquilo que pode não ser. Mas ter ou não ter algum impedimento é em si mesmo contingente. Pois a natureza não prepara um impedimento para aquilo que não pode não ser, visto que isso seria supérfluo.

211. Ele apresenta a segunda divisão onde diz: 'Mas, em segundo lugar...' (196 b 17). Ele afirma que algumas coisas vêm a ser em vista de um fim, e outras não.

Essa divisão, no entanto, levanta uma dificuldade, porque todo agente age por um fim; age ou por natureza ou por intelecto.

Mas devemos notar que ele está dizendo que aquelas coisas que vêm a ser por si mesmas não vêm a ser em vista de algo, na medida em que possuem em si mesmas um prazer ou perfeição pelo qual são agradáveis em si mesmas.

Ou então ele está falando daquelas coisas que não ocorrem em vista de um fim deliberado, por exemplo, acariciar a barba ou alguma outra coisa desse tipo que às vezes acontece sem deliberação, apenas pelo movimento da imaginação. Assim, elas têm um fim imaginado, mas não um fim deliberado.

212. Ele apresenta a terceira divisão onde diz: 'Novamente, algumas das primeiras...' (196 b 18). Ele afirma que, das coisas que vêm a ser em vista de um fim, algumas acontecem de acordo com a vontade e outras não. Ambas são encontradas entre aquelas coisas que vêm a ser em vista de algo. Pois não apenas aquelas coisas que vêm a ser pela vontade, mas também aquelas que vêm a ser pela natureza, vêm a ser em vista de algo.

213. Ora, uma vez que aquelas coisas que vêm a ser necessária ou frequentemente provêm da natureza ou daquilo que é proposto [pelo intelecto], é claro que tanto naquelas coisas que sempre acontecem quanto naquelas que acontecem frequentemente há algumas coisas que vêm a ser para um fim. Pois tanto a natureza quanto aquilo que é proposto [pelo intelecto] agem em vista de um fim.

E assim fica claro que essas três divisões se incluem mutuamente. Pois aquelas coisas que vêm a ser a partir do que é proposto [pelo intelecto] ou da natureza vêm a ser em vista de um fim, e aquelas coisas que vêm a ser em vista de um fim vêm a ser sempre ou frequentemente.

214. Em seguida, onde ele diz: 'Coisas desse tipo...' (196 b 23), ele apresenta a divisão que é tomada por parte da causa.

Ele diz que quando coisas desse tipo (isto é, coisas que são a partir do que é proposto [pelo intelecto] em vista de algo, e que ocorrem em poucos casos) vêm a ser por uma causa *per accidens*, dizemos que são por fortuna. Pois, assim como certos aspectos dos entes são *per se* e outros *per accidens*, o mesmo vale para as causas. Assim, a causa *per se* de uma casa é a arte do construtor, enquanto a causa *per accidens* é o branco ou o músico.

Mas deve-se notar que a causa *per accidens* é tomada de duas maneiras: de um modo, por parte da causa, e de outro modo, por parte do efeito.

Por parte da causa, aquilo que é chamado de causa *per accidens* está unido à causa *per se*. Assim, se o branco e o músico são chamados de causas de uma casa, é porque estão acidentalmente unidos ao construtor.

Por parte do efeito, às vezes nos referimos a algo que está acidentalmente unido ao efeito, como quando dizemos que um construtor é a causa de uma disputa porque a disputa surge da construção de uma casa.

Nesse sentido, a fortuna é dita ser uma causa *per accidens* quando algo está acidentalmente unido ao efeito, por exemplo, se a descoberta de um tesouro está acidentalmente unida à escavação de uma sepultura. Assim, o efeito *per se* de uma causa natural é o que se segue de acordo com as exigências de sua forma, de modo que o efeito do agente que age por meio de algo proposto [pelo intelecto] é aquilo que acontece por causa da intenção do agente. Portanto, tudo o que ocorre no efeito fora dessa intenção é *per accidens*.

E digo que isso é verdade se o que está fora da intenção ocorre em poucos casos. Pois o que está sempre ou frequentemente unido ao efeito cai sob a própria intenção. Pois é tolo dizer que alguém intenciona algo, mas não quer aquilo que está sempre ou frequentemente unido a isso.

Além disso, ele aponta uma diferença entre a causa *per se* e a causa *per accidens*. A causa *per se* é limitada e determinada, enquanto a causa *per accidens* é ilimitada e indeterminada, porque uma infinidade de coisas pode acontecer de estar unida.

215. Em seguida, onde ele diz: 'Para resumir então...' (196 b 29), ele aponta quais membros das divisões mencionadas acima contêm a fortuna, e o que é a fortuna.

Ele diz primeiro que a fortuna e o acaso, como foi dito anteriormente [#214], pertencem àquelas coisas que ocorrem em vista de algo. No entanto, a diferença entre fortuna e acaso será determinada mais adiante [L10 #226ss].

Mas agora deve ficar claro que cada um deles está contido entre aquelas coisas que agem em vista de um fim. Assim, se alguém sabe que receberá dinheiro no fórum, e se vai até lá para retirá-lo, [isso não acontece por fortuna], mas se não foi até lá com esse propósito, é *per accidens* que sua chegada tenha esse efeito. E assim fica claro que a fortuna é uma causa *per accidens* das coisas que são em vista de algo.

Além disso, fica claro que a fortuna é uma causa de coisas que ocorrem em raras ocasiões. Pois levar o dinheiro é dito ser por fortuna quando aquele que retira o dinheiro chega à casa nem necessariamente nem frequentemente.

Além disso, a fortuna pertence àquelas coisas que vêm a ser por causa do que é proposto [pelo intelecto]. Pois levar o dinheiro, que é dito ser por fortuna, é o fim de algumas causas, mas não em si mesmo, como naquelas coisas que acontecem por natureza. Antes, é o fim daquelas coisas que vêm a ser como propostas pelo intelecto. Mas se alguém agindo sob tal proposta fosse para levar o dinheiro, ou se sempre ou frequentemente levasse o dinheiro quando chegasse, isso não seria dito ser por fortuna, assim como se alguém frequentemente ou sempre molhasse os pés ao ir a um lugar lamacento, não seria dito que isso se deve à fortuna, mesmo que não o tivesse pretendido.

216. Em seguida, onde ele diz: 'É claro...' (197 a 5), ele conclui uma definição de fortuna que é extraída do que foi dito acima.

Ele diz que está claro, a partir do que foi dito, que a fortuna é uma causa *per accidens* naquelas coisas que vêm a ser em raras ocasiões, de acordo com o que é proposto em vista de um fim. E disso fica claro que a fortuna e o intelecto pertencem à mesma coisa. Pois somente aqueles que têm intelecto agem por fortuna, pois não há proposta ou vontade sem intelecto. E embora somente aqueles que têm intelecto ajam por fortuna, ainda assim, quanto mais algo está sujeito ao intelecto, menos está sujeito à fortuna.

Revision #2
Created 27 September 2026 17:44:10 by Admin
Updated 1 October 2026 23:37:41 by Admin